

# Desemprego: pior inimigo da saúde dos trabalhadores

**Leda Leal Ferreira**

**Pesquisadora da Fundacentro e membro do Conselho Científico do Diesat**

A posse de Lula nos trouxe sentimentos de boas mudanças nos ares. Nas prioridades do novo governo, os mercados deixaram de ser os únicos pontos da pauta.

A partir de agora, são exatamente os que não participam dos mercados, os excluídos, que passam a ser objeto das primeiras preocupações de Lula e sua equipe, que nos convocam, a todos, para participar do esforço de combate à fome. Estas mudanças já nos dão um novo alento.

São inúmeros e imensos os desafios que teremos pela frente: as desigualdades (econômicas, sociais, políticas, educacionais, de oportunidade etc) entre brasileiros. Queremos enfrentá-los todos, mas devemos nos organizar e priorizar os mais emergentes.

É bom saber que o combate ao desemprego está entre as prioridades do Presidente Lula. "O emprego é minha obsessão" repetiu ele, à exaustão, durante a campanha. Está certo. Um país com tanto para se fazer não pode se dar ao luxo de deixar milhões de cidadãos, que querem e podem trabalhar, se desesperarem por não conseguir um emprego que os permita viver com dignidade. Mas não é só para os desempregados e suas famílias que a falta de trabalho é perversa. Os efeitos do desemprego vão muito além e, como uma praga, contaminam toda a sociedade.

O desemprego, por exemplo, é o pior inimigo da saúde e segurança dos trabalhadores. Primeiro, pelo medo da perda do emprego. Este medo é tão grande que supera todos os outros problemas e faz com que os trabalhadores se sujeitem a aceitar qualquer trabalho, nas piores condições: longas jornadas, ritmos intensos, pressões morais, desrespeito, informalidade, condições inseguras, insalubres, perigosas, penosas.

As precárias e más condições de trabalho, por sua vez, facilitam o aparecimento de toda sorte de doenças, físicas e psicológicas, as quais facilitam a exclusão do emprego. Mantém-se, assim, um círculo vicioso: desemprego, medo do desemprego, aceitação de más condições de trabalho, doenças, desemprego.

Segundo, porque o desemprego afasta cada vez mais trabalhadores do sistema de seguridade social, o que é uma das causas da crise em que este sistema se encontra: menos contribuintes, mais despesas e piores serviços para todos.

Enquanto perdurar este estado de desemprego grande e crescente, nossos melhores esforços para melhorar a saúde e segurança do trabalho serão neutralizados. E este campo, já tão carente, encontrará grandes dificuldades.

Há muito a se fazer pela saúde e segurança do trabalho, que nunca foram preocupações sérias dos governos. Tanto é que, no Brasil, não há uma Política de Saúde e Segurança do Trabalho. Mas, apenas iniciativas, deficitárias e isoladas, nas três áreas que o constituem: a das condições de trabalho, a da assistência à saúde e a da seguridade social. Cada uma com dinâmicas próprias e envolvendo um conjunto de ações, instituições e de forças sociais. Atualmente, pelo menos três dos maiores ministérios estão com elas envolvidos. Respectivamente, o Ministério do Trabalho, o da Saúde e o da Previdência Social. Mas sem integração entre si.

É preciso que comecemos a pensar em uma Política de Saúde e Segurança para os trabalhadores. Um programa de fôlego e de longo prazo, que vai exigir a participação de todas as forças sociais.

A grande novidade que devemos esperar deste processo é a participação ativa dos trabalhadores organizados e de seus sindicatos. Até agora, eles foram pouco ouvidos, embora tenham muito o que dizer e propor.

Ao longo dos últimos 30 anos, o movimento sindical dos trabalhadores brasileiros acumulou várias experiências na matéria. Entretanto, elas estão dispersas e são pouco divulgadas: cada sindicato desconhece o que fazem os outros e, nesse inventar de roda permanente, o caminho fica muito mais longo. Creio que um dos nossos primeiros esforços será o de organizar e divulgar as iniciativas já existentes. E, a partir daí, planejar melhor o que se quer e o que se pode fazer.

Temos muitos problemas a resolver. Enfrentar o desemprego me parece um bom começo. Mãos à obra.